



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Sobre a verdade e o Real: verdades mentirosas, mentiras sinceras e seus desmentidos

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)
Professor Associado, nível IV no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/ UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C (Brasil)
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (Brasil)
E-mail: taniacs@openlink.com.br

Este número privilegia uma discussão acerca das relações entre a verdade e o real. Alguns artigos nasceram dos trabalhos apresentados durante o VI Simpósio do ISEPOL e colocam em debate os limites das ficções, das verdades mentirosas, das mentiras sinceras face à dimensão incontornável do real. Este é o caso do meu artigo. Extraído da conferência apresentada nesta ocasião, intitula-se "Desmentido ou inexistência do Outro?". Como já fiz em outras ocasiões, questiono a tese de Miller de que o Outro não existe, para avançar em direção a uma crítica à pós-verdade. Argumento que, de acordo com o dicionário da Universidade de Oxford, pós verdade (*Post-truth*) é um adjetivo. Define-se como algo que denota circunstâncias nas quais os fatos objetivos têm menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou às crenças pessoais. Cito ainda o jornalista Luiz Claudio Latgé (2016), que observa que "a verdade perdeu o valor. Não nos guiamos mais pelos fatos. Mas pelo que escolhemos ou queremos acreditar que é verdade". Tudo se passa como se não mais houvesse fatos, somente interpretações. Esta tese inaugurada por Friedrich Nietzsche, em *A Gaia Ciência*; talvez até pareça a muitos psicanalistas que seja de Lacan. Lacan é nietzschiano quando afirma que toda verdade é estrutura de ficção. Mas é freudiano quando defende que a verdade não é o real. O real não se deixa reduzir às nossas crenças, ficções, ideologias, sonhos e fantasias. Lancei ao auditório do nosso VI Simpósio a seguinte pergunta: é isso que a psicanálise nos ensina? Que a verdade se reduz ao ponto de vista de cada um? Não há nada de real, além do interesse de cada um. O grande Outro não existe? O que é o grande Outro lacaniano? É o reino da ficção, da verdade mentirosa, da fantasia e dos desmentidos? Ou existe uma razão no real?

Em sua conferência proferida nesta mesma ocasião Dany-Robert Dufour questiona se a referência essencial do Outro Lacaniano não é justamente que existe uma razão no real. Recorda que não esperamos nossa época para percebermos a prematuração do homem. Existe todo um campo de estudos presente desde os primórdios da filosofia ocidental. Desde o século XX, os antropólogos e os biólogos falam da *neotenia* do homem. Se os períodos precedentes definiam espaços marcados pela distância entre o sujeito e aquele que o funda, a pós-modernidade é um espaço definido pela abolição da distância entre o sujeito e o Outro. Quando o Outro falta podemos

erigir com toda força um tipo de Outro que assegure absolutamente o sujeito contra todo risco de ausência.

Maria Cristina Antunes distingue a clínica do transexual e o discurso da atualidade sobre o transexualismo. Essa solução sintomática parece ter se tornado o paradigma da sexualidade na contemporaneidade. Quando o sexo se torna um direito, isso implica em admitir que a escolha do sexo é livre, independente do sexo anatômico e da nomeação simbólica (homem ou mulher). Por ser presidida pela linguagem, a sexuação nada deveria ao corpo anatômico? Uma nova ilusão ou uma nova ideologia acredita poder libertar o homem do destino da anatomia e do simbólico.

Marcus do Rio Teixeira aponta a discordância entre a teoria do gênero e a teoria psicanalítica, mostrando a contradição entre a noção de gênero e os pontos centrais da teoria da sexuação, elaborada por Lacan. A noção de gênero é apresentada como aquela que permite desvendar a realidade opressora do sexo. A posição da psicanálise não legisla sobre a forma de gozo de cada um, não defende a moral e os "bons costumes". Ela se sustenta no real da clínica, razão porque não substitui os conceitos da teoria psicanalítica pelo jargão de movimentos ideológicos.

Márcia Infante Vieira reflete sobre o discurso feminista radical que cada vez mais encontra lugar de destaque na mídia, mas parece não refletir a posição da maioria das mulheres. Ele promove a representação do feminino e do masculino vinculados aos papéis da vítima e do dominador, respectivamente. A queda do império masculino gerou perda de referências, angústia e desejo de vingança por parte dos homens. As mulheres, desencantadas e frustradas, contra-atacaram. Como efeito, cresce o separatismo sexual e a beligerância. Estamos diante de uma cultura do desmentido do real, da castração e da diferença sexual e caminhando em direção a um estado de perversão sado-masoquista normal nas relações entre os sexos?

Maria Josefina Medeiros Santos se pergunta: em que medida os efeitos do desmentido (*Verleugnung*) podem se articular ao diagnóstico de psicopatia? Traz a ideia de que a psicopatia, embora seja muitas vezes considerada uma manifestação inequívoca da estrutura perversa, pode ser compreendida como um arranjo que exhibe uma dinâmica que privilegia os efeitos do desmentido. Ela busca descolar a psicopatia da estrutura perversa enquanto tal para demonstrar que o psicopata, com grande frequência e desenvoltura, encarna a verdade mentirosa, sendo extremamente hábil em impô-la. Tal suposição é facilmente ilustrável com alguns representantes do cenário político brasileiro. Desse modo, o psicopata que circula no âmbito político e institucional lhe parece especialmente interessante, pois permite fazer um deslocamento de uma "psicopatia extraordinária", comumente associada ao psicopata autor de crimes bárbaros, para o "psicopata comum", figura fortemente atrelada ao domínio político.

Sobre o tema da perversão banal, Maria Helena Coelho Martinho e Maria da Glória Schwab Sadala observam que o cinema, os jornais e as redes sociais expõem frequentemente diversas práticas ditas perversas, tais como: pedofilia, homossexualidade, travestismo, sadomasoquismo. Examinam algumas dessas práticas focalizadas pela sétima arte para analisá-las segundo as

proposições teóricas e clínicas de duas áreas de saber: a psiquiatria e a psicanálise. O estudo investiga divergências entre ambas as áreas e examina contrastes entre as conjecturas feitas pela psiquiatria e as formulações psicanalíticas a partir das descobertas de Freud sobre a sexualidade humana. O texto afirma que as ditas práticas perversas desvelam o caráter universal da sexualidade humana – perversa polimorfa -, que se manifesta de forma singular em cada sujeito de acordo com a sua própria história e a sua forma de gozo. Conclui que a verdadeira perversão só poderá ser identificada com base na posição do sujeito diante do seu parceiro. Acredito que as autoras ressaltam que somente o “caso a caso” permite detectar o desmentido da castração na verdadeira perversão.

Gabriela Rinaldi Meyer pretende discutir os impasses e conflitos que surgem no encontro da psicanálise com a instituição de saúde mental com o objetivo de construir uma relação possível à ambas. Parte do princípio de que a psicanálise surgiu como um novo campo de saber, teórico e clínico, no contexto da clínica privada, definida como uma prática cuja função é escutar a fala do sujeito em sua singularidade. Como pensar sua inserção em um dispositivo institucional? Pensar a psicanálise na instituição significa pensá-la em relação a outros campos de saber e isso tem implicações diretas sobre a clínica que irá se desenvolver. De que forma incluir o discurso analítico como ferramenta útil à clínica que se desenvolve numa instituição de saúde mental? É possível conceber a psicanálise como mais uma disciplina?

Denise Maria Lopes Dal-Cól e Maria Cristina Poli abordam o percurso de uma revisão histórico-conceitual e clínica sobre os fenômenos psicossomáticos (FPSs) na psicanálise, especialmente na orientação lacaniana, elaborando uma hipótese de pesquisa. Esses fenômenos colocam-se no limite das elaborações teóricas e metodológicas da medicina e da psicanálise, impondo paradoxos em seu entendimento e tratamento. No campo psicanalítico existem divergências conceituais e em relação às formas de intervenção na clínica. Trabalha-se com a hipótese de que, se uma escrita é feita para não esquecer, o FPS é uma escrita (de gozo) no corpo, que é justamente feita para não esquecer porque não foi recalçada.

Muito obrigada a todos os nossos colaboradores. Desejamos sinceramente que mais este número de *aSEPHallus* seja bem recebido, lido e comentado pelos nossos leitores.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (mai. a out. 2016). Sobre a verdade e o Real: verdades mentirosas, mentiras sinceras e seus desmentidos. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 11(22), 1-3. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v11n22p01-03.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 24/10/2016 / 10/24/2016.

Aceito/Accepted: 24/10/2016 / 10/24/2016.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.